

8º DOMINGO APÓS PENTECOSTES

03 DE AGOSTO DE 2025

LUCAS 12.13-21

1 TEMA DO DIA

Os textos propostos pela Trienal C para este 8º Domingo após Pentecostes ressaltam o princípio de que a verdadeira vida está em Deus e não nas coisas deste mundo. Por natureza, somos inclinados a buscar segurança e valor nas coisas passageiras e nas falsas promessas que os bens terrenos nos oferecem. Mas, a grande verdade é que, sem Deus, tudo não passa de “ vaidade ” e “ loucura ”. Porém, encontramos consolo ao saber que Deus já nos deu tudo em Cristo. Nele temos vida verdadeira, segurança eterna e uma alegria que não se consome. Assim, aquilo que é vão “ debaixo do sol ” encontra valor e sentido apenas no Filho de Deus que desceu do céu para morrer e ressuscitar por nós e pela nossa salvação.

2 LEITURAS INDICADAS

2.1 Salmo do dia

O Salmo 100 é um legítimo cântico de ação de graças. Sua autoria é desconhecida; sabe-se, porém, que, originalmente, ele era entoado de forma comunitária por aqueles que adentravam o Templo de Jerusalém para as festas e celebrações cúlticas. Sendo um apelo direcionado especificamente à congregação reunida em procissão, mas cuja aplicabilidade é universal.

Em termos litúrgicos, ele é chamado de *Jubilate*, pois manifesta a alegria diante do amor e da fidelidade do SENHOR de uma forma muito própria. Justamente por isso, o Salmo se inicia com um glorioso convite: “ *Celebrem com júbilo ao Senhor, todas as terras* ” (v.1). Um convite que claramente não se limita ao povo escolhido de Deus, antes,

toda a criação deve louvá-lo. Um louvor que também não está limitado ao canto, mas inclui um adorar e servir alegremente a Deus (v.2).

Toda esta alegria e gratidão tem uma motivação muito clara: pela Palavra divinamente inspirada, sabemos que *“o Senhor é Deus, foi ele quem nos fez, e dele somos; somos o seu povo e rebanho do seu pastoreio”* (v.3). Neste sentido, podemos dizer que há aqui uma consciência individual e coletiva de pertencimento e cuidado que traz alegria e paz verdadeiras ao coração aflito. Um cuidado constante representado pela conhecida e significativa figura do SENHOR como um Pastor que cuida, apascenta e alimenta o seu rebanho. Um Pastor que é verdadeiramente bom, cuja *“misericórdia dura para sempre, e, de geração em geração, a sua fidelidade”* (v.5).

2.2 Antigo Testamento

O texto de Eclesiastes 1.2,12-14; 2.18-26 se comunica com esta realidade na medida em que confronta esta vida de gratidão e dependência de Deus com as preocupações e distrações humanas, que sempre nos impedem de atender plenamente ao convite do Salmo 100. Inspirado pelo Espírito Santo, o rei Salomão, que se autodenomina como o “Pregador” (v.2), compartilha conosco algumas de suas experiências, reflexões e conclusões a respeito da vida, ou melhor, da maneira como a vivemos. E, pelo menos a princípio, suas palavras não parecem ser animadoras.

Salomão constata que há um sentimento dominante que paira sobre a humanidade, e este sentimento é a vaidade (v.2). Este conceito está presente em boa parte da literatura sapiencial do livro de Eclesiastes. O termo הַבְּלִיָּה, tradicionalmente traduzido por “vaidade” ou “ilusão” designa tudo aquilo que é vazio, inconsistente e fugaz como um sopro ou uma rajada de vento. Às vezes, também é usado para destacar o caráter frágil e transitório da condição humana pós-queda em pecado, como por exemplo Sl 62.9; Ec 1.14; 2.1; 4.8; 6.12.

Mesmo usufruindo de uma sabedoria única que foi dada pelo próprio Deus (1Re 3.5-12), o Pregador diz que suas conclusões não surgiram do acaso, afinal, “*inspiração não dispensa transpiração!*” Durante anos ele se empenhou (וְנִתְתִּי) ou “*aplicou o coração*” na dura tarefa de investigar e se *“informar a respeito de tudo o que se faz debaixo do céu”* (v.13). Porém, com o passar do tempo, o próprio Salomão diz que

“perdeu o gosto” (τιλιψ) pelo seu trabalho com que se havia afadigado, pois, no fim das contas, o resultado de suas pesquisas ficaria para os seus descendentes (Ec 2.18). “*E quem pode dizer se ele será um sábio ou um tolo?*” (v.19). Além disso, ele percebe que até mesmo este conhecimento adquirido poderia se tornar uma fonte de orgulho e vaidade (v.21).

Neste sentido, o Pregador destaca que para aqueles que se dedicam apenas a acumular riquezas, conhecimento e a admiração dos outros, a vida se torna vazia e cheia de dores, e o seu trabalho um desgosto. De maneira que, “*até de noite não descansa o seu coração*” (v.23). Diante deste cenário, ele conclui que não há nada melhor para o homem do que “*comer, beber e fazer com que a sua alma desfrute o que conseguiu do seu trabalho*” (v.24). Mas não só isso! Salomão reconhece que nem mesmo estas coisas são fruto do esforço ou capacidade humana, mas sim dádivas que vem das mãos do Deus Criador e Mantenedor de todas as coisas. Pois, separado deste, “*ninguém pode comer ou alegrar-se*” (v.25).

A despeito da estupidez, das injustiças e da miséria que reinam neste mundo caído, há uma porção de autêntica felicidade que Deus tem reservado para os seres humanos: são as pequenas alegrias da vida cotidiana: o comer, o beber e a satisfação pelo trabalho bem feito. Esta linha de reflexão permeia todo o livro, ressaltando assim o ensino principal de todo o Eclesiastes: a busca por significado, as coisas materiais e prazeres terrenos são totalmente inúteis quando não são vividos em temor a Deus e com uma perspectiva eterna. Assim, o livro explora como nenhum outro a natureza passageira da vida, a vaidade da busca por riqueza, fama e conhecimento, bem como a inevitabilidade da morte. Destacando que, apesar dessa realidade desanimadora, a vida pode e deve ser apreciada com contentamento, pois a verdadeira sabedoria reside em temer a Deus e obedecer aos seus Mandamentos (Ec 12.13). E aqui está o ápice da mensagem do Pregador!

Levando em conta o todo da revelação bíblica, sabemos que este princípio se fundamenta na certeza de que o SENHOR é um Pai Celeste, que estende a mão e providencia tudo o que precisamos para esta vida temporal e passageira (Sl 103.13-18; 145.15-16); como também para a eternidade, por meio da vida e obra de seu Filho, Jesus Cristo (Gl 4.4-5). E este é o nosso maior motivo de gratidão.

É somente em Cristo que a realidade passa a fazer sentido. Ele é a nossa verdadeira alegria e satisfação. Quando olhamos para Jesus e o seu amor revelado no tempo e no espaço, passamos a compreender também o convite do salmista, que nos chama a “celebrar com júbilo” ao SENHOR, mesmo em meio às distrações, fadigas, vaidades e adversidades desta caminhada “debaixo do sol”, nesta vida que ainda se revelará em sua plenitude.

2.3 Epístola

A passagem de Colossenses 3.1-11 indicada para este Domingo dá início a uma seção mais prática da carta de Paulo aos cristãos de colossos. Lutero observa que esta epístola tem uma estrutura muito semelhante à carta aos Efésios, sintetizando brevemente o seu conteúdo. No primeiro capítulo, Paulo elogia os colossenses, desejando-lhes que continuem e cresçam na sabedoria que vem do Evangelho e da fé. Também merece destaque a sua explanação profunda sobre a divindade e a excelência da pessoa e obra de Cristo. Ele é *“a imagem do Deus invisível; o primogênito de toda criação; pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra [...] Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste”* (Cl 1.15-17). Sendo também a “cabeça do corpo”, que é a Igreja (Cl 1.18).

Após condenar uma série de ensinamentos falsos e práticas pecaminosas que ainda eram comuns entre os cristãos de colossos, principalmente por causa da cultura pagã que ainda era dominante naquele contexto, no capítulo 3 Paulo lembra os colossenses e a todos nós de nossa união com Cristo Jesus por meio da fé. E, se estamos unidos de forma real e íntima com o Jesus ressurreto, que agora está à direita do Pai, devemos pensar e buscar as *“coisas lá do alto”* (τὰ ἄνω ζητεῖτε), onde Cristo vive, e não somente nas coisas terrenas e passageiras (v.1-2). E este é um convite para viver uma vida nova, orientada pelo Espírito Santo, a partir da cruz e do túmulo vazio.

Esta união também deve trazer consequências e resultados práticos na vida diária dos cristãos: o abandono aos vícios e às condutas pecaminosas que provêm da natureza humana. Dentre estas *“a imoralidade sexual, impureza, paixões, maus desejos e a avareza, que é idolatria; por causa destas coisas é que vem a ira de Deus”* (v.5-6). E Paulo continua: *“Não mintam uns aos outros, uma vez que vocês se despiram da velha*

natureza com as suas práticas e se revestiram da nova natureza que se renova para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que a criou” (v.9-10). Ou seja, esta nova natureza criada por Deus¹ também nos coloca em uma nova condição diante das pessoas. A união com o Senhor ressurreto nos põe em pé de igualdade com os demais cristãos ao redor do mundo. As barreiras étnicas, territoriais e sociais são anuladas por uma fé e esperança em comum. Não há mais judeu e nem grego, circunciso e incircunciso, escravo ao livre, pois “Cristo é tudo em todos” (v.11).

O ensino de Paulo é muito profundo, e, certamente, continua extremamente atual. Por mais que se fale em avanços diplomáticos e campanhas contra o preconceito e a discriminação, a grande verdade é que a sociedade “pós-moderna” continua dividida. Não parece haver espaço para igualdade em um mundo que fala a língua da ganância, dos interesses pessoais, dos partidos e causas minoritárias que causam ainda mais divisões e estimulam os discursos de ódio. E, como todos sabemos, estas divisões podem surgir até mesmo na Igreja. Criam-se assim diferentes classes de cristãos, que não olham uns para os outros como irmãos, mas como adversários que nem parecem membros do mesmo corpo; indivíduos que foram chamados pelo mesmo Espírito, para uma vida de comunhão e dependência de um Salvador em comum.

Muitas destas divisões surgem daquele sentimento bem humano que nós já conhecemos anteriormente: a vaidade. A vaidade dos dons, da hipocrisia, dos bens, da avarizia que, como bem define o apóstolo Paulo, é uma forma clara de idolatria (v.5). A sociedade evolui, mas continuamos “correndo atrás do vento”, achando que o muito esforço nos trará proveito e a tão sonhada admiração dos outros. Isso é “vaidade de vaidades”, diria o Pregador (Ec 1.2), é engrandecer e louvar a si mesmo e não o SENHOR, como lindamente nos convida o Salmo 100.

2.4 Evangelho

¹ No Batismo todos nós fomos vestidos de Cristo (Gl 3.27) e entramos em um novo relacionamento salvífico com Deus. Também recebemos de Jesus um novo chamado para uma vida de amor e serviço ao nosso próximo. Este servir e amar não provém da natureza humana pecaminosa, mas sim da nossa “nova natureza”, guiada e orientada pelo Espírito de Deus que habita o coração do crente.

O texto de Lucas 12.13-21 nos aprofunda ainda mais nesta temática ao nos apresentar uma triste história contada por Jesus. A história de um homem ganancioso, que confiava e se apegava nos seus bens e não no Doador de toda boa dádiva (Tg 1.17).

Como sabemos, o evangelho de Lucas é marcado por uma forte ênfase nos temas de riqueza, pobreza e o Reino de Deus. Ainda no Cântico de Maria, vemos o anúncio de que Deus *“encheu de bens os famintos, e despediu vazios os ricos”* (Lc 1.53). Em vários momentos da narrativa Jesus denuncia a falsa segurança nos bens terrenos, chamando seus agraciados ouvintes a confiar somente em Deus. No famoso discurso dos “ais”, ele afirma: *“Mas ai de vocês, os ricos, porque vocês já receberam a consolação”* (Lc 6.24). No capítulo 16 nós encontramos a “Parábola do rico e Lázaro” (Lc 16.19-31). Logo adiante Lucas relata a história do jovem rico, que se entristece por não querer abrir mão dos muitos bens que possuía (Lc 18.18-23). É neste contexto que Jesus novamente adverte sobre o perigo das riquezas (Lc 18.24-30). Em suma, Lucas enfatiza que o discipulado verdadeiro exige confiança plena em Deus e disposição para renunciar à avareza. Não devemos acumular bens terrenos, mas sim *“tesouros inextinguíveis nos céus, onde não chega o ladrão, nem a traça consome, porque, onde está o seu tesouro, aí estará o seu coração”* (Lc 12.33-34).

Porém, este é um ensino que sempre irá confrontar duramente o ser humano que naturalmente busca o acúmulo, na falsa ideia de que isto lhe trará felicidade ou um certo nível de segurança. A própria história contada por Jesus não surgiu do acaso.

O contexto imediato de nossa perícopa nos mostra que Jesus está ensinando uma grande multidão (Lc 12.1). Em suas palavras, ele adverte contra a hipocrisia dos fariseus e exorta os discípulos a temerem somente aquele que tem poder sobre a alma (Lc 12.5). Ele encoraja à confiança nesse Deus que conhece e valoriza imensamente os seus filhos (Lc 12.6-7). Destacando também a obra do Espírito Santo, que os guiará mesmo em tempos de aflição e perseguição (Lc 12.11-12).

Neste sentido, podemos dizer que estamos aqui diante de um discurso puramente espiritual. Jesus está falando de confissão de fé, temor a Deus e dependência do Espírito. Porém, o evangelista Lucas afirma que um homem interrompe com uma questão mundana: ele quer que Jesus resolva uma disputa familiar por herança (Lc 12.13). O texto é abrupto (Ἐῖπεν δὲ τις ἐκ τοῦ ὄχλου), literalmente *“E disse um da multidão”*, como se realmente houve uma interrupção na fala de Jesus. *“Fala”* ou

“ordena” (εἰπὲ), “ao meu irmão que reparta comigo a herança”, diz o homem. Esse detalhe me parece importante, afinal, ele nos revela um contraste gritante: enquanto Jesus falava de vida eterna, fé e fidelidade, o homem estava distraído, preocupado e preso a questões materiais. Temos de admitir que, muitas vezes, nós também somos assim.

O fato de o homem trazer uma questão como essa não é totalmente inusitado. Na época, era comum que as pessoas trouxessem questões pessoais e familiares para rabinos respeitados. Justamente por isso, embora não se considerasse juiz em questões terrenas (v.14), Jesus não ignora o distraído homem, ele apenas adverte: “Tenham cuidado e não se deixem dominar por qualquer tipo de avareza, porque a vida de uma pessoa não consiste na abundância dos bens que ela tem” (v.15).

Como já apontado, ao condenar a avareza (πλεονεξία) Jesus está lidando diretamente com uma forma de idolatria. Aliás, como aponta Lutero no Catecismo Maior, “este é o ídolo mais comum na terra. Quem possui dinheiro e bens sabe-se em segurança, e é alegre e destemido como se estivesse assentado no meio do paraíso. Por outro lado, quem nada possui dúvida e desespera, como se de nenhum Deus tivesse notícia”. Embora a avareza esteja escondida no coração da pessoa, ela eventualmente se manifesta por meio de diversos comportamentos destrutivos, o que parece ser o caso na família do indivíduo que procura Jesus.

Toda esta discussão motivou Jesus a contar a conhecida parábola do homem rico, que dedicou-se arduamente ao trabalho, depositou sua segurança nos fartos celeiros e numa futura boa vida que, na verdade, era incerta. Observando os detalhes podemos notar que o homem da parábola reflete apenas sobre si mesmo: “meus frutos”, “meus celeiros”, “minha alma” (v.19). Para ele, tudo era fruto de seu próprio trabalho e esforço. Dentre outras coisas, isso nos mostra o quanto ele vivia isolado de Deus e do próximo. Dentro da teologia, poderíamos dizer que temos aqui a expressão máxima de um coração *incurvatus in se* – curvado para si mesmo.

Outro fato interessante é que o próprio Deus chama este homem de "louco" (ἄφρων)² e lhe exige a alma (v.20). Estas são palavras fortes de juízo, pois durante a vida este indivíduo acumulou apenas tesouros para si, mas jamais fora rico para com Deus.

² O termo tem aqui uma conotação profundamente negativa. Outras traduções possíveis seriam: sem razão, sem sentido, tolo, estúpido, sem reflexão ou inteligência.

A morte repentina revela a futilidade de uma vida centrada apenas no “ter” em detrimento do “crer”. Há aqui também um artifício de ironia muito forte, visto que Deus confronta o homem com uma pergunta universal: *“e o que você tem preparado, para quem será?”* (v.20). E assim, Jesus escancara o fato de que, enquanto trabalha arduamente, o ser humano está pensando apenas em si mesmo. Porém, depois de sua morte, alguém outro irá aproveitar o fruto de seu trabalho, que no fim das contas se torna vão. Uma realidade que, como vimos, já fora constatada por Salomão (Ec 2.18-19).

Enquanto o Eclesiastes nos traz uma visão positiva a respeito de uma boa vida, mais particularmente das alegrias que encontramos nas pequenas coisas do dia-dia (Ec 2.24-25), a parábola de Jesus nos alerta para um outro perigo: se o excesso de trabalho nos impede de servir a Deus com a devida dedicação, os prazeres que o dinheiro acumulado oferece são igualmente perigosos. E acredito que temos aqui um aspecto bastante prático, especialmente em uma sociedade que enxerga a ganância como uma virtude.

As pessoas costumam dizer que não têm tempo para se encontrar com Deus na igreja por causa do trabalho. Porém, quando, sob a bênção de Deus, o trabalho produz com abundância, elas continuam ocupadas demais com as festas e diversões que essa abundância lhes possibilita. E assim, mais uma vez, elas dizem não ter tempo para louvar e agradecer. Uma realidade que se mostra nas devoções em família e, principalmente, no culto comunitário. Mais uma vez, não nos damos conta de que isto também é vaidade e “correr atrás do vento”.

Seja como for, a obsessão pelo dinheiro pode empurrar os caminhos de Deus para fora do nosso coração. É por isso que Jesus adverte tão seriamente contra a cobiça. Também é digno de nota que, logo após transmitir este duro e necessário ensinamento, Jesus fala sobre as preocupações (Lc 12.22-34). Desta vez, ele encoraja seus discípulos a confiar plenamente no SENHOR, pois ele irá suprir todas as necessidades do corpo e da alma. Afinal, todos estamos incluídos no “pequenino rebanho” que é governando pela graça e a misericórdia de Deus (Lc 12.32). E esta misericórdia do Pai é tão abundante, que sempre sobra para ofertar e compartilhar com aqueles que estão em necessidade (Lc 12.33).

3 APONTAMENTOS PARA A PREGAÇÃO

Dito isso, me arrisco a apresentar alguns apontamentos com vistas à pregação. Creio que temos aqui uma excelente oportunidade para refletirmos a respeito do perigo de confiarmos apenas nos bens terrenos e sobre a importância da dependência e da gratidão a Deus. Aliás, essa me parece ser uma reflexão que jamais deixará de ser atual e necessária.

Embora tenha dado um destaque maior ao texto de Lucas 12.13-21, acredito que todas as perícopes indicadas pela Trienal são extremamente ricas em conteúdo, podendo ser usadas para enriquecer o sermão.

No que se refere à Lei, as palavras de Jesus revelam o pecado do egoísmo, da cobiça e da falsa segurança naquilo que é passageiro. E essa é também a nossa tentação. Julgamos que a segurança, a paz e a felicidade podem ser encontradas naquilo que temos. Porém, a história do homem rico nos mostra que, mesmo em dias de prosperidade, o ser humano continua sujeito à morte e ao juízo (Hb 9.27). Deus ainda interrompe nossos planos com uma só palavra: “Louco!” (v.20). Neste sentido, a Palavra de Deus desmascara esse ídolo chamado “avareza” e nos chama de volta ao temor do SENHOR. Além disso, ao lermos este texto somos duramente confrontados com a nossa total incapacidade de salvar a nós mesmos.

Ainda que a parábola termine com uma advertência, o contexto maior do evangelho de Lucas oferece o consolo: Jesus, que é rico, fez-se pobre e humilde por nós (2Co 8.9), para que tenhamos um tesouro nos céus (Lc 12.33). Ele é o verdadeiro Provedor, o Pão da vida (Jo 6.35), que nos torna ricos em graça. Ele não acumulou para si, mas entregou-se por nós na cruz e ressurgiu na manhã de Páscoa, deixando para trás apenas um túmulo vazio. Em Cristo, temos uma herança incorruptível: perdão, vida eterna, paz com Deus (Ef 1.7; 1Pe 1.4). Só nele há paz, alegria e segurança verdadeira (Ef 2.24). E isso é puro Evangelho.

“Ser rico para com Deus” (v.21) se relaciona com a “fé ativa no amor”. Afinal, uma alma que confia plenamente em Deus como o Doador de tudo, automaticamente irá se dedicar a amar e servir ao próximo. É isso que a Bíblia chama de “guardar firme a confissão da esperança” (Hb 10.23) e armazenar no coração as doces promessas do Senhor Jesus.

Fazendo uso constante dos preciosos tesouros que Deus deixou à sua Igreja: a Palavra, o Santo Batismo e a Santa Ceia; dia após dia, Deus mesmo nos dará corações novos (Ez 36.26), os quais o Espírito Santo encherá de jubilosa satisfação e gratidão por meio do Evangelho.

Assim, libertos da escravidão do pecado e da triste idolatria dos bens, poderemos enxergar a vida com os olhos da fé. Não viveremos mais em função daquilo que podemos guardar em celeiros terrenos. A segurança não será buscada na vaidade do acúmulo, mas sim na presença fiel e constante de Jesus.

Uma presença que faz toda a diferença, trazendo alegria e despertando ações de graças mesmo no pouco, nas pequenas coisas do dia-dia, como diz Salomão. Um sentimento que aparece em uma simples conversa com um amigo, em um sorriso compartilhado, um abraço bem dado ou uma lágrima enxugada. Uma gratidão que se expressa nas palavras de uma oração singela feita em uma cama quentinha durante uma noite fria, ou num simples “vem Senhor Jesus” dito antes de uma corriqueira e nem sempre tão farta refeição em família. Coisas pequenas sim, mas que carregam em si o brilho e a beleza do Eterno, desde que sejam vistas na perspectiva correta.

Celebremos com júbilo ao SENHOR que nos cuida e pastoreia apesar de nossa rebeldia e ingratidão. Louvemos ao SENHOR que nos perdoa, nos ampara e cuja misericórdia em Cristo dura para sempre. Sirvamos com alegria ao SENHOR que nos ama e nos chama mais uma vez para subir no púlpito e falar em seu nome.

Bênçãos eternas sobre ti e tua pregação!

Rev. Gerson Welmer Tetzner

Afonso Cláudio – ES.